

Revista Diálogo Educacional

ISSN: 1518-3483

dialogo.educacional@pucpr.br

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Brasil

Milléo PAVÃO, Zelia

PESQUISA PRÁTICA: SEUS PRINCIPAIS INSTRUMENTOS

Revista Diálogo Educacional, vol. 2, núm. 4, julio-diciembre, 2001, pp. 1-10

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Paraná, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=189118183008>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

PESQUISA PRÁTICA: SEUS PRINCIPAIS INSTRUMENTOS

*Prof.^a Dr.^a Zelia Milléo PAVÃO**

Resumo

Em vista da dificuldade que os pesquisadores têm de selecionar instrumentos adequados para a coleta de dados, este texto procura elencar as principais ferramentas técnicas que se encontram à disposição de quem quer realizar uma investigação científica.

Palavras-chave: Pesquisa prática, instrumento de coleta de dados.

Resummé

Em vue des difficultes que les chercheurs trouvent pour choisir les instruments les plus indiques pour la recolte de données empiriques, ce texte essaye de cerner principales techniques qui sont à la disposition de celui qui travaille avec la recherche scientifique.

Monts-clés: Recherche scientifique, instruments de recolte des données.

Introdução

O objetivo da elaboração de um texto condensado e facilmente socializado para divulgação dos instrumentos mais comumente utilizados na coleta de dados para pesquisa científica deve-se à constatação, em muitos anos de experiência em análise estatística de dados da dificuldade com que os pesquisadores se deparam no momento de planejar sua pesquisa prática. Esses instrumentos referem-se à construção adequada, às vantagens e limitações de seu uso e à cautela que o pesquisador deve ter para não incorrer em erros que redundem em prejuízo para o seu trabalho.

A investigação começa com o enunciado do problema e a natureza da

* Professora Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação da PUCPR e Professora de Estatística da PUCPR.

hipótese determina a seleção dos instrumentos que deverão ser utilizados. O investigador não deve conhecer e dominar apenas uma técnica - por exemplo, os questionários - e aplicá-la a qualquer problema. Cada instrumento é adequado para determinados tipos de dados e, em alguns casos, o investigador pode empregar mais de um instrumento para coletar a informação que lhe permita encontrar a solução do problema. O importante é que o investigador saiba, com exatidão, que classe de dados pode proporcionar cada uma dessas técnicas, quais são suas vantagens e limitações, as premissas em que se fundamenta seu emprego e o grau de validade, objetividade e confiabilidade que possuem. Por outro lado, o investigador deve procurar desenvolver habilidades para o uso, a construção e a manutenção de tais instrumentos, bem como para a interpretação dos dados que estes produzem.

Questionários

Os questionários são largamente utilizados para averiguar fatos relacionados com as práticas vigentes, bem como para realizar inquéritos de atitudes e opiniões. Na realidade, em alguns estudos ou certas fases de uma investigação, nos quais se apresenta ao entrevistado perguntas cuidadosamente selecionadas e ordenadas, os questionários constituem a única maneira de se obter os dados necessários para solucionar o problema. O fato de se formular, ao entrevistado, perguntas específicas sobre cada aspecto do problema que se está investigando, permite que as respostas sejam mais objetivas e exatas e que seja mais fácil agrupá-las em categorias.

Entretanto, em alguns casos, as pessoas, às quais se envia os questionários, não dão respostas precisas por possuírem percepção ou memória deficientes ou por não serem capazes de expressar verbalmente suas impressões ou idéias. Há pessoas que não têm a liberdade para divulgar informações ou que não estão dispostas a fazê-lo ou, ainda, que não se sentem em condições de dar respostas. Tais pessoas podem inutilizar certas perguntas ou dar respostas falsas. Pode, também, haver pessoas que não leem os questionários com a devida atenção ou informam o que supõem que ocorreu. Às vezes, dão respostas que se adaptam às suas tendências, que protegem seus interesses ou que os colocam em posições favoráveis, que simplesmente dêem uma satisfação ao investigador ou se ajustem às normas sociais aceitáveis. Como consequência, para se obter dados confiáveis, o questionário deve ser objeto de cuidadosa elaboração e aplicação.

Os questionários podem ser apresentados aos entrevistados de duas maneiras: enviados pelo correio ou em entrevistas pessoais. Nesta última, o ques-

tionário é chamado de formulário, em particular se quem o lê é o investigador e não o entrevistado. Ambas as técnicas têm vantagens e desvantagens.

Contato direto

Quando o investigador apresenta o questionário pessoalmente, existe menos probabilidade de que os entrevistados ofereçam respostas parciais ou se neguem a responder, pois o investigador pode explicar os propósitos e a significação do estudo, aclarar as dúvidas e induzir os entrevistados a darem respostas sérias e sinceras. Entretanto, é difícil reunir um grupo para que responda ao questionário e, por outro lado, as entrevistas pessoais podem consumir muito tempo e dinheiro. Por esta razão, os questionários são enviados pelo correio.

Questionários postais

Os questionários postais podem ser enviados rapidamente e com custo bastante reduzido a muitas pessoas, até no caso de estarem distantes do investigador. Infelizmente, as respostas não retornam com a velocidade necessária e/ou desejada. Também pode acontecer de nem todas responderem por diversos motivos, entre eles, baixa escolaridade, desinteresse pelo tema da consulta, causando, assim, um viés na investigação.

Perguntas de forma fechada

Os questionários estruturados ou de forma fechada consistem, em geral, em uma lista de perguntas concretas, nas quais se oferece várias respostas possíveis entre as que o entrevistado deve optar. Para indicar qual é a sua resposta a cada pergunta, a pessoa a quem se enviou o questionário marca sim ou não, ou ordena uma série de enunciados segundo o grau de importância que atribui a cada um deles (1, 2, 3, ...).

Os questionários de forma fechada são fáceis de administrar e responder, ajudam o entrevistado a concentrar sua atenção no tema e permitem realizar, com maior rapidez, os processos de tabulação e análise.

Porém, não dão margem a comentários sobre os motivos das respostas (isto é, a razão pela qual a pessoa responde de uma maneira determinada), nem

sempre proporcionam informações de suficiente amplitude e profundidade e não discriminam matrizes de significado. O fato de se apresentar várias respostas possíveis pode induzir os entrevistados a tomarem partido em relação a um assunto a respeito do qual não têm opinião formada ou darem respostas que não expressam exatamente suas idéias. As respostas podem estar ordenadas de modo tal que estimulem as pessoas a darem respostas que suponham ser do agrado do investigador. Estas fragilidades podem ser minimizadas se forem adotadas as devidas precauções ao elaborar os questionários. Por exemplo, para evitar que a investigação produza resultados tendenciosos, convém que a ordem de apresentação das respostas de alternativas seja determinada aleatoriamente. As respostas sim ou não e verdadeiro ou falso podem ser ampliadas com uma terceira opção (é indiferente, não sei ou não tenho opinião formada). Quando não for possível incluir todas as respostas prováveis para a pergunta, pode-se superar esta dificuldade acrescentando, ao enunciado, nenhuma das respostas anteriores é exata; também é conveniente deixar um espaço para que o entrevistado possa ampliar ou aclarar sua resposta.

Perguntas de forma aberta

Enquanto, nos questionários fechados, o entrevistado se vê obrigado a escolher uma das alternativas oferecidas, o questionário de forma aberta lhe permite responder com suas palavras e com base nos seus próprios marcos de referência. Esta técnica possibilita, aos entrevistados, expressarem suas motivações e atitudes e os pressupostos ou condições nas quais se fundamentam suas respostas.

No entanto, os questionários de forma aberta apresentam também algumas desvantagens. Quando os entrevistados não têm condições de organizar seu pensamento, é provável que omitam dados importantes ou não proporcionem detalhes suficientes. Quando não apresentam certo nível cultural ou não se encontram dispostos a dedicar parte de seu tempo à tarefa de analisar criticamente as perguntas, não podem oferecer dados úteis.

Perguntas de forma gráfica

Alguns questionários apresentam séries de desenhos ou fotografias como opção de resposta para os entrevistados; neste caso, as instruções são dadas verbalmente. Este tipo de questionário é útil em particular, quando se trata de obter dados de crianças ou adultos que possuem uma capacidade de leitura limitada.

As ilustrações chamam a atenção dos entrevistados com maior facilidade que as palavras impressas, diminuem sua resistência em responder e estimulam seu interesse pelas perguntas. As figuras colocam, com clareza, situações que, às vezes, são difíceis de explicar ou descrever mediante palavras e permitem ao investigador recolher informações que não são possíveis por meio de outros procedimentos. Entretanto, as técnicas gráficas têm, pelo menos, duas limitações: (1) somente podem ser empregadas quando se trata de situações que apresentem características visuais distintas e compreensíveis e (2) são difíceis de padronização, em especial quando se trata de fotografias de seres humanos.

Elaboração dos questionários

Os questionários constituem um instrumento de investigação largamente utilizado que goza de grande popularidade, pois todos os indivíduos consideram-se capazes de responder perguntas. Entretanto, responder perguntas formuladas com o propósito de obtenção de dados precisos necessários à verificação da hipótese, nem sempre é tarefa fácil. Muitas vezes, os entrevistados interpretam de maneiras diferentes as perguntas formuladas, surpreendendo o investigador que as supunha claras.

Os questionários são, muitas vezes, alvo de severas críticas, porém muito de seus inconvenientes podem ser superados com uma elaboração cuidadosa e aplicação eficaz a pessoas capacitadas.

Em seguida, far-se-á alguns questionamentos relacionados ao emprego desses instrumentos de investigação.

Questionamentos

1. O questionário ou a carta que o acompanha explicam claramente o objetivo do estudo?
2. Indicam qual é a instituição que patrocina a investigação?
3. São solicitadas informações que o investigador pode obter de outras fontes sem dificuldade?
4. O investigador estudou, com suficiente profundidade, a bibliografia e outros questionários, de modo que as perguntas permitam indagar também, com profundidade, os temas fundamentais?
5. As perguntas foram enunciadas de forma clara e simples, e foram encaradas, com precisão, as questões específicas?

6. As perguntas contêm listas completas de respostas alternativas, de modo que seja possível determinar as diversas motivações de qualquer opção e indagar a que obedecem as respostas evasivas e os vagos e estereotipados *não sei?*

Entrevistas

O pesquisador deve selecionar, para a coleta de informações, os instrumentos que sejam adequados tanto à concepção filosófica e/ou teórica do estudo que se propõe a realizar, quanto ao perfil dos sujeitos da pesquisa. Muitas vezes, os entrevistados são pessoas que preferem se comunicar oralmente por terem dificuldade de se expressar por escrito ou são tímidas e necessitam de estímulo para fornecer as informações desejadas; nestes casos, a entrevista é mais eficaz que o questionário. A interação amistosa que surge na entrevista e que não é possível se conseguir mediante o contato limitado e impessoal próprio do questionário, apresenta diversas vantagens. Na entrevista, o investigador pode incentivar os entrevistados e ajudá-los a tratar com mais profundidade os problemas, principalmente quando estes têm conotações emocionais. Os comentários à margem do tema, as expressões faciais e corporais e o tom de voz proporcionam ao investigador uma informação que as respostas por escrito não transmitem. Estes indícios visuais e auditivos ajudam a atingir o clima característico de uma conversa privada, que permite se obter informações pessoais e conhecer as motivações, sentimentos, atitudes e crenças dos entrevistados.

Conforme a finalidade, as entrevistas podem ser de caráter terapêutico, de orientação ou investigação. Podem limitar-se a coletar informações sobre um só indivíduo ou estender-se a outras pessoas que se encontrem diretamente relacionadas com ele, tal como ocorre nos estudos de casos. Determinados problemas podem exigir que se interroge uma ou várias vezes, de modo breve ou intensivo, várias pessoas cujos antecedentes podem ser similares ou não. Em alguns casos, as entrevistas podem se repetir a intervalos regulares para acompanhar o desenvolvimento da conduta, das atitudes ou das situações.

Entrevistas individuais e grupais

A maioria das entrevistas se realizam em ambientes privados e com uma pessoa de cada vez, de modo que o entrevistado possa expressar-se livremente. Porém, em certos casos, as entrevistas de grupo podem proporcionar dados mais valiosos que as individuais. Quando, para estudar um problema ou verificar a

validade de uma proposição, reúnem-se vários indivíduos qualificados, cujos antecedentes podem ser similares ou não, obtêm-se pontos de vista variados. Os participantes podem não só fornecer uma ampla gama de informações, como também, ajudar um ao outro a recordar, verificar ou retificar dados. Não obstante, é provável que os entrevistados se abstêm de expressar, ante um grupo, fatos que talvez revelassem em uma entrevista particular. Pode acontecer também que uma das pessoas que integram o grupo (que nem sempre é a melhor informada), monopolize a conversação.

Entrevistas estruturadas

A estrutura de uma entrevista varia tanto quanto o número de seus participantes. Algumas delas são rigidamente estruturadas e apresentam um caráter formal: apresentam-se perguntas idênticas da mesma maneira e na mesma ordem a cada um dos participantes, que devem escolher as respostas entre duas ou três alternativas. Inclusive, em todos os casos, formulam-se as mesmas observações introdutórias e finais. Estas entrevistas são de natureza mais científica que as não estruturadas, pois o enfoque padronizado introduz controles que permitem enunciar generalizações científicas. Entretanto, a entrevista padronizada tem também certas limitações: para coletar de maneira uniforme dados quantificados e comparáveis de todos os entrevistados, é necessário que se utilize critérios rígidos que, em muitos casos, prejudicam a profundidade da investigação.

Entrevistas não estruturadas

As entrevistas não estruturadas são de caráter flexível, e os participantes têm a maior liberdade de formular suas respostas. Mesmo que o investigador elabore as perguntas antes de realizar a entrevista, pode modificar sua forma para adaptá-las às diversas situações e às características dos entrevistados. Estes podem ser estimulados a expressar livremente seu pensamento, e apenas são feitas umas poucas perguntas para orientar o desenvolvimento da conversação. Em certas situações, a informação é obtida de modo tão casual que os sujeitos não chegam a perceber que estão participando de uma entrevista.

Nas entrevistas não estruturadas, o investigador não se vê obrigado a ater-se às perguntas elaboradas previamente, pode seguir pautas inesperadas, encaminhar a indagação por caminhos mais frutíferos surgidos da própria conversação e modificar a categorização inicial para chegar a uma análise mais significativa dos dados.

Entretanto, a tarefa de quantificar dados qualitativos coletados de tal modo é bastante difícil. Quando, para reunir informações, não se emprega uma técnica uniforme, não se pode, em geral, comparar os dados obtidos numa entrevista com os procedentes de outra e extrair, assim, conclusões gerais de validade universal. Habitualmente, este tipo de entrevista não é empregado quando se trata de verificar uma hipótese, porém, o enfoque informal é útil nas etapas exploratórias da investigação. Quando o investigador tem dúvidas acerca das perguntas que deve fazer e da maneira de apresentá-las, a entrevista informal pode ajudá-lo a descobrir a essência do problema e a selecionar as perguntas adequadas aos questionários e entrevistas padronizados. Por outro lado, as entrevistas não estruturadas podem oferecer, ao investigador, uma percepção das motivações humanas e da interação social, que lhe permite elaborar hipóteses viáveis.

Entrevista profunda não dirigida

Este tipo de entrevista não guiada e de caráter quase psico-analítico é, às vezes, o método mais apropriado para se descobrir as motivações ocultas ou subjacentes, as atitudes não reconhecidas pelo entrevistado, os anseios, os temores e os conflitos de personalidade e a inter-relação dinâmica das reações e respostas. Em lugar de elaborar previamente um certo número de perguntas diretas, o investigador permite que o entrevistado se expresse com liberdade sobre diversos temas incidentes ou fatos particulares. Enquanto o entrevistado faz o seu relato, o entrevistador coloca-se no papel de um bom ouvinte que, sem interromper, limita-se a intercalar algumas palavras de estímulo, tais como: continue, e a formular perguntas gerais que alimentem o desenvolvimento da conversação. Quando a entrevista estiver chegando ao final, podem ser colocadas algumas perguntas diretas para preencher os vazios e dar um fecho à entrevista. Obtendo uma ampla gama de respostas, o investigador pode formar uma imagem espontânea e representativa da conduta do entrevistado e pode, também, descobrir o caráter e a intensidade de suas atitudes, motivações, sentimento e crenças.

Entrevista focalizada

A entrevista focalizada é menos difusa que a anterior. Pede-se ao entrevistado que concentre sua atenção em alguma experiência concreta que viveu, por exemplo, um filme que ele tenha assistido ou um livro que tenha lido, e realiza-se um esforço para determinar que efeitos essa experiência teve sobre ele.

Para explorar as atitudes e reações emocionais do entrevistado, o investigador analisa o filme ou o livro antes de realizar a entrevista e prepara perguntas que sirvam como início de conversação; uma vez iniciada a entrevista, procura fazer com que o entrevistado limite-se aos temas pertinentes. Permite-se que o entrevistado se expresse livremente, porém, o investigador orienta a direção do pensamento.

Direção da entrevista

Toda entrevista, para ter êxito, deve ser uma experiência interpessoal dinâmica, cuidadosamente planejada para que atinja os objetivos propostos. O investigador deve ter grande habilidade e competência técnica para criar um clima amistoso e tolerante, encaminhar a conversação pelos canais desejados, estimular a revelação dos dados necessários e induzir o entrevistado a expor todos os fatos com clareza. A avaliação da eficácia da entrevista exige que, em seu planejamento, estejam presentes os seguintes elementos:

- Definição das áreas de informação que as perguntas devem abranger;
- preparação de perguntas adequadas à obtenção dos resultados desejados;
- interposição de comentários que contribuam para que o entrevistado sinta-se à vontade e que estimulem o desenvolvimento da conversação;
- investigação profunda dos interesses, crenças e antecedentes dos entrevistados para se obter deles, espontaneamente, dados sobre suas experiências e campos de conhecimento específico;
- obtenção das informações necessárias para uma melhor compreensão de seus pontos de referência e para a interpretação correta de suas respostas;
- realização das entrevistas no momento mais conveniente aos entrevistados;
- realização de entrevistas prévias para a identificação das diferenças entre seus próprios métodos, perguntas e sistemas de registro;
- comportamento amável, eficiente, sincero e disponível, evitando atitude sentimental, solene ou condescendente, ar de superioridade, astúcia e coerção;
- uso de roupas adequadas;
- emprego de vocabulário e enfoque adequados pra cada entrevistado.

Referências bibliográficas

- BEST, J. W. **Cómo investigar en educación**. Madrid: Ediciones Morata, 1974.
- TRAVERS, R. M. W. **Introducion a la investigacion educacional**. Argentina: Editorial Paidos, 1971.
- VAN DALEN, D. B.; MEYER, Y. W. J. **Manual de tecnica de la investigacion educacional**. Argentina: Editorial Paidós, 1971.